



**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
ARTIGO CIENTÍFICO**

ISABELLA SOUZA DOS SANTOS

**O ESTILO DA RELAÇÃO PARENTAL TÓXICA E DA VINCULAÇÃO
DE APEGO PARA O DESENVOLVIMENTO DE *SELF* DOS
ADOLESCENTES**

Ilhéus, Bahia

2023

ISABELLA SOUZA DOS SANTOS

**O ESTILO DA RELAÇÃO PARENTAL TÓXICA E DA VINCULAÇÃO
DE APEGO PARA O DESENVOLVIMENTO DE *SELF* DOS
ADOLESCENTES**

Artigo Científico entregue para
acompanhamento como parte integrante
das atividades de TCC II do Curso de
Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

Ilhéus, Bahia

2023

**O ESTILO DA RELAÇÃO PARENTAL TÓXICA E DA VINCULAÇÃO
DE APEGO PARA O DESENVOLVIMENTO DE *SELF* DOS
ADOLESCENTES**

ISABELLA SOUZA DOS SANTOS

APROVADO EM: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

**PROF^a. ALBA MENDONÇA ALVES
FACULDADE DE ILHÉUS – CESUPI
(ORIENTADORA)**

**PROF^a. DAYANE MANGABEIRA SANTANA DIAS
FACULDADE DE ILHÉUS – CESUPI
(EXAMINADOR I)**

**PROF^a. LAYSA RODRIGUES VIANA MOREIRA
FACULDADE DE ILHÉUS – CESUPI
(EXAMINADOR II)**

“Porque eu vou ser bem sincera pra você, Larissa. Eu nunca quis nada teu. Nada. Eu vou te falar uma coisa. Pra você, eu só vou ser título de mãe. Quando falar “mãe” pra você, você só vai ter o título de mãe. E é isso. Licença.”

- Silvana Taques Elias Santos

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso à Antonia da Silva, minha mãe, e àqueles que se interessem pela temática.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me permitir finalizar mais uma etapa em minha vida.

Em seguida, agradeço este estudo as seguintes pessoas:

Minha mãe de coração, Antonia, por me ensinar a ter apreço pela educação, sempre me apoiar, me incentivar e sonhar meus sonhos junto comigo;

Meus pais, Elaine e Elpídio, por me encorajarem a vencer mais este desafio;

Meus padrinhos, Olívia e Dirk, por me proporcionarem o acesso à educação e acreditarem no meu potencial;

Meu grande parceiro e namorado, Hariel, por todo o apoio, sempre me ouvir quando o assunto é Psicologia, não me fazer desistir e acreditar que sou capaz;

Meus amigos, Isabele Alcântara, Maria Vitória Dourado e Tarcísio Oliveira, o grupinho homogêneo, por se tornarem uma rede de apoio e serem grande suporte durante os desafios dessa graduação;

Ao professor Magno Batista, por todos os aconselhamentos em meio a esse percurso;

Minha orientadora, Alba Mendonça Alves, pela confiança e auxílio durante esse processo, ter acreditado na construção desta pesquisa, com a temática que sempre almejei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. DESENVOLVIMENTO (REVISÃO DE LITERATURA)	11
2.1. A Relação Tóxica na Família	11
2.2. Os Estilos Parentais e A Vinculação de Apego	14
2.3. A Adolescência e o desenvolvimento de <i>self</i>	17
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

O ESTILO DA RELAÇÃO PARENTAL TÓXICA E DA VINCULAÇÃO DE APEGO PARA O DESENVOLVIMENTO DE *SELF* DOS ADOLESCENTES

THE STYLE OF TOXIC PARENT-CHILD RELATIONSHIP AND ATTACHMENT BONDING FOR THE SELF-DEVELOPMENT OF ADOLESCENTS

RESUMO

O relacionamento tóxico, também conhecido como relacionamento abusivo, ocorre em qualquer modelo de relação, seja conjugal, de amizades, profissional ou familiar. Na família, essa relação tem sido identificada disfarçada de manifestação de afeto e cuidado, sendo associada principalmente ao subsistema conjugal, entretanto, um dos fatores identificados a essa prática é também a parentalidade e o estresse parental. O objetivo dessa pesquisa centraliza-se em analisar a relação parental e o desenvolvimento de *self* dos adolescentes na relação tóxica. Para isso, é necessário compreender esse tipo de relação na família, identificar o relacionamento parental tóxico através da vinculação afetiva e dos modos como os pais educam seus filhos, e discutir o agenciamento de vida dos adolescentes associado à sua construção identitária. Os passos metodológicos do estudo se concentram na revisão bibliográfica, ou seja, no levantamento, na análise e na descrição de publicações científicas devidamente validados entre o período de 12 anos (a partir de 2011) através de periódicos e revistas nacionais. Além disso, a coleta desses dados possui caráter qualitativo e descritivo relacionado ao tema, fundamentado a partir de conceitos de teóricos do desenvolvimento humano. Sob essa ótica, a pesquisa contribui com o entendimento da relação tóxica para além do relacionamento conjugal, de modo que tal relação possa ser identificada também no seio familiar através da relação pai e filho, além de compreender como essa poderá ser percebida por meio dos estilos parentais como uma influência no desenvolvimento de *self* e autonomia do adolescente no que se refere à sua própria vida, ainda mais, contribui no entendimento da construção identitária do adolescente relacionado a diferenciação de seu *self*, considerando a individualidade do sujeito.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo. Parentalidade. Adolescência. Construção identitária.

ABSTRACT

The toxic relationship, also known as an abusive relationship, occurs in any type of relationship model, whether marital, friendships, professional, or familial. In the family, this relationship has been identified disguised as a display of affection and care, mainly associated with the conjugal subsystem; however, one of the identified factors contributing to this practice is also parenthood and parental stress. The aim of this research focuses on analyzing the parental relationship and the self-development of adolescents in toxic relationships. To achieve this, it is necessary to understand this type of relationship within the family, identify toxic parental relationships through emotional attachment and the ways parents educate their children, and discuss the life agency of adolescents associated with their identity construction. The methodological steps of the study focus on a literature review, i.e., the survey, analysis, and description of scientifically validated publications over a 12-year period (from 2011) through national journals and magazines. Furthermore, the collection of this data is qualitative and descriptive related to the topic, grounded in concepts from theorists of human

development. From this perspective, the research contributes to understanding toxic relationships beyond marital relationships, such that such relationships can also be identified within the family through the parent-child relationship. It also seeks to comprehend how this can be perceived through parental styles as an influence on the adolescent's self-development and autonomy regarding their own life. Moreover, it contributes to understanding the adolescent's identity construction related to the differentiation of their self, considering the individuality of the subject.

Keywords: Abusive relationship. Parenthood. Adolescence. Identity construction.

INTRODUÇÃO

A família, por ser uma rede primária de relacionamento social, é imprescindível para a conservação da integridade física e psicológica, sendo composta por subsistemas nos quais a relação parental relaciona-se à forma como a ligação entre os pais e os filhos é construída. Dessa forma, o estilo que essa relação adota indicará o modo como os filhos serão educados, refletindo diretamente em seu desenvolvimento de *self*, ou seja, no conjunto de fatores emocionais, cognitivos e sociais que contribuem para a construção da identidade do sujeito. Diante deste cenário, a relação tóxica na família causa danos ao adolescente, o qual está em um estágio de mudanças que visam responsabilidades referentes a adultez, interferindo em sua autonomia, assim como em sua individuação enquanto sujeito.

A partir disso, baseada na hipótese de que a vinculação entre o emocional e cognitivo na relação parental influencia a construção da identidade do adolescente e a autonomia de sua própria vida, a pesquisa apresenta a seguinte pergunta: como a relação parental tóxica impacta no desenvolvimento de *self* dos adolescentes? Assim, a elaboração desta pesquisa poderá colaborar com o entendimento da construção identitária do adolescente a partir de um ponto de vista familiar, mais precisamente, a partir dos estilos parentais. Da mesma maneira, trará relevância para os estudos relacionados à relação familiar tóxica que não se limitam somente a esfera conjugal, ademais, se torna essencial para a Psicologia abordar o assunto proposto, em virtude do aprofundamento sobre os fenômenos da relação familiar em seus diversos contextos de atuação.

O procedimento geral está em analisar a relação parental e o desenvolvimento de *self* dos adolescentes na relação tóxica. Enquanto procedimentos específicos é necessário compreender esse tipo de relação na família, identificar o relacionamento parental tóxico através da vinculação afetiva e dos modos como os cuidadores educam seus filhos, e discutir o agenciamento de vida dos adolescentes associado à sua construção de identidade.

Os passos metodológicos para a construção da pesquisa centralizam-se na revisão bibliográfica, ou seja, em um processo de levantamento, análise e descrição de publicações científicas que visam os impactos da relação tóxica na família a partir de periódicos e revistas nacionais. Com isso, a disposição dos dados do estudo deu-se através de quatorze artigos científicos e dois livros, os quais foram devidamente

validados quanto à atualização de tais fontes. Ainda, a apresentação conceitual para o projeto de pesquisa se define na relação parental tóxica através dos estilos parentais e da vinculação afetiva associados ao desenvolvimento de *self* dos adolescentes.

A partir daí, a coleta desses dados tem caráter qualitativo e descritivo relacionado ao tema apresentado, os materiais utilizados foram pesquisados na base de dados da Revista Nova Perspectiva Sistêmica, do Repositório Institucional do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do Centro Universitário da Serra Gaúcha, do Repositório da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), do Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, da Scielo e da Pepsic. Desse modo, a pesquisa tem como fundamento conceitos de teóricos do desenvolvimento humano, como Diana Baumrind, Erik Erikson, Diane Papalia e Ruth Duskin Feldman, da Teoria Familiar Sistêmica de Murray Bowen e da Teoria do Apego de John Bowlby.

Além disso, a partir dos descritores encontrou-se artigos entre o período de 12 anos (a partir de 2011), os quais desenvolviam sobre um ou mais descritores da temática, como: relacionamento abusivo, adolescência e relação pais e filhos. Não somente, os critérios de inclusão foram: descrever sobre a relação tóxica, descrever e explicar o desenvolvimento de *self*, descrever e explicar os estilos parentais, descrever e explicar a Teoria do Apego, e descrever a relação parental com os adolescentes. Enquanto critérios de exclusão tem-se: descrever a violência doméstica, descrever a violência familiar, e fatores que explicam a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos.

Agora em diante, o texto divide-se nas seguintes interseções: a relação tóxica na família, os estilos parentais e a vinculação de apego, e a adolescência e o desenvolvimento de *self*.

2. DESENVOLVIMENTO (REVISÃO DE LITERATURA)

2.1. A Relação Tóxica na Família

A família, por ser uma rede primária de relacionamento social, é imprescindível para a conservação da integridade física e psicológica. Além disso, vai estabelecer os

primeiros vínculos de um indivíduo com o mundo através de um apoio afetivo e também material, a partir do cuidado, autonomia e diálogo, funciona então como um suporte essencial ao desenvolvimento saudável desse indivíduo (Souza; Baptista, 2017).

De início, é essencial relatar sobre o que é saudável para então discutir sobre o que é tóxico. Salvador Minuchin (1982) apresenta um modelo de entendimento do funcionamento familiar através de alguns conceitos-chaves, como os subsistemas e as fronteiras (Böing, 2014). Sendo assim, os subsistemas compõem a família por meio de padrões de relacionamentos, havendo o subsistema conjugal (o casal), parental (os pais) e fraternal (os irmãos). Já as fronteiras definem a estrutura e a dinâmica da família, sendo constituídas por regras que definem o padrão de relacionamento entre seus membros para que sejam estabelecidos limites emocionais, psicológicos e físicos, as quais são, fronteiras nítidas, difusas e rígidas (Böing, 2014).

Dessa forma, as fronteiras nítidas são as mais ideais, pois requerem da família um funcionamento saudável. Assim, são fronteiras que possuem limites bem definidos, permitindo que haja um contato entre os membros familiares sem intromissões nas funções um do outro (Böing, 2014), assim como, Gallonetti (2021) destaca ainda que a fronteira nítida caracteriza uma família como saudável justamente por ter esse aspecto de estabelecer limites claros, a qual respeita a individualidade de seus membros. Ademais, tal fronteira não vai permitir o emaranhamento das relações por conta da troca de comunicação entre esses componentes (Bridi et al., 2018).

Em relação as fronteiras difusas, essas vão gerar um funcionamento emaranhado devido à falta de limites entre os subsistemas, por outro lado, as fronteiras rígidas possuem limites excessivos e a comunicação entre os subsistemas é difícil, o que pode ocasionar um desligamento nos padrões de relacionamentos. Portanto, as fronteiras rígidas prejudicam as funções protetoras da família e interferem no funcionamento saudável entre seus membros, fator que aproxima essa relação familiar de um funcionamento tóxico (Böing, 2014).

Diante disso, a relação tóxica na família tem sido identificada muitas vezes disfarçada de manifestação de afeto e cuidado, mesmo envolvendo dor, sendo aceita como banal. Alguns dos fatores identificados a essa prática são os conflitos domésticos, a parentalidade, o estresse parental e as relações conjugais. Tal relação, conhecida também como relacionamento abusivo, na qual geralmente a sociedade

associa a uma relação amorosa, ocorre em qualquer modelo de relacionamento, seja conjugal, de amizade, profissional ou familiar.

Por consequência, esse relacionamento decorre a partir de um assediador que humilha, manipula e controla a vítima, a fazendo culpar-se pelo ocorrido (Vieira et al., 2019). O sofrimento, por sua vez, pode ou não ser percebido, desta forma, a característica fundamental é o desequilíbrio de poder existente no centro desta relação (Santos; Sanchotene; Vaz, 2019). Nesse viés, é válido ressaltar que Zibenberg e Costa (2023) evidenciam que o relacionamento abusivo se confunde com o conceito de violência doméstica, uma vez que este se define por um tipo de violência que é vivido por sujeitos com laços conjugais. Destacam ainda que o termo relacionamento tóxico também acaba sendo atribuído a violência contra mulher e finalizam com o questionamento de se o relacionamento abusivo se torna sinônimo para todos esses termos.

Assim, o relacionamento abusivo pode ser entendido como “criar vínculos e ligações a partir de práticas que causam ou podem causar dano” (Zibenberg; Costa, 2023, p. 30). Ou seja, é um relacionamento baseado numa relação que gera prejuízos para o sujeito através da existência de um vínculo com o outro (Zibenberg; Costa, 2023).

De acordo com Vieira e colaboradores (2019), no contexto familiar essa toxicidade se desenvolve nas relações como uma forma de denominação, ou seja, um relacionamento de posse ou de dependência sobre o outro. A partir disso, a saúde mental do sujeito é agredida assim como a sua autoestima e personalidade. Do mesmo modo, a relação tóxica pode se manifestar também através de depreciações, difamações, injúrias, humilhações e condições que resultam em ansiedade e medo, fortalecendo a relação de poder sobre a vítima (Vieira et al., 2019).

Em consideração a isso, no que diz respeito à saúde mental, a família promove suporte no enfrentamento de situações estressantes, assim como, permite um desenvolvimento esperado do sujeito que recebeu afeto, cuidado e atenção dos pais. Uma vez que esses cuidados não são oferecidos pela parentalidade, aumenta-se a possibilidade desse sujeito manifestar transtornos mentais e comportamentais (Souza; Baptista, 2017). Bem como, o impacto dessa situação pode trazer prejuízos não só emocionais mas também cognitivos, os quais podem se prolongar na adultez, acarretando malefícios para o meio social. Ainda, esses prejuízos atingem cada

pessoa envolvida no sistema familiar, especialmente crianças, adolescentes, idosos e mulheres (Vieira et al., 2019).

Logo, a maneira que mães e pais absorvem as demandas exigidas na parentalidade pode levar a conflitos dentro dos lares. Esses conflitos, por sua vez, possuem caráter negativo para o subsistema filial uma vez que resultam em déficits na dinâmica familiar e no desenvolvimento do indivíduo, ocasionando mudanças nas relações e nos vínculos com cada uma das figuras (Vieira et al., 2019). Portanto, diante o exposto, é possível afirmar que a relação tóxica está para além do relacionamento conjugal e pode se apresentar por meio do padrão de relacionamento concebido entre os subsistemas da família. Frente a isso, compreender que tal relação pode ocorrer devido a parentalidade é de suma importância, pois então tem-se em vista os impactos que podem ser acarretados no desenvolvimento dos filhos.

2.2. Os Estilos Parentais e A Vinculação de Apego

Nayara (2020) afirma que o estilo parental pode ser entendido por um agrupamento de atitudes e técnicas adotadas por um contexto emocional, as quais indicam o modo como os pais educam seus filhos, considerando também os padrões de interação entre eles. Já Böing (2014), aponta que é um termo o qual se relaciona com as formas as quais a parentalidade lida com o poder, a hierarquia e o apoio emocional para com seus filhos.

Nesse viés, conforme Ferreira (2019), Diana Baumrind (1966) aponta três tipos de estilos parentais: o permissivo, o democrático e o autoritário. Dessa forma, o primeiro reflete um modo de educar não punitivo, amoroso e protetor, embora fuja da responsabilidade quanto ao desenvolvimento do filho; já o segundo valoriza a autonomia e a disciplina, reconhece as habilidades dos filhos ao tempo em que exerce controle quando esses desobedecem, e estabelece normas para conduta. Ao contrário do estilo permissivo e do estilo democrático, o estilo parental autoritário controla e avalia o comportamento dos filhos, restringe a autonomia e é punitivo para lidar com conflitos que pensam estarem certos. Assim, esses filhos tendem a ser mais inseguros, dependentes e agressivos, tendo dificuldade em avaliar suas emoções (Ferreira, 2019).

Ainda, pais autoritários não são responsivos, mas exigentes, “para eles, os filhos devem obedecer à suas ordens sem questionar” (Ferreira, 2019, p. 05). Com isso, é um estilo mais opressor, no qual a obediência é uma virtude, possui alto controle e baixo afeto, envolvendo-se menos na educação desses filhos (Ferreira, 2019). Böing (2014, p. 61) também afirma que pais autoritários “modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas através de padrões absolutos”.

Posto isso, vale ressaltar a diferença no controle exercido por pais democráticos e pais autoritários. Logo, os primeiros se referem ao controle negociável, se direciona a comportamentos específicos que precisam ser modificados, enquanto os segundos se referem ao controle arbitrário, a um comportamento dominador que possui a ameaça como base (Ferreira, 2019). Mas também, altos níveis de controle, sobretudo a demonstração de poder, podem ser prejudiciais aos filhos. Portanto, a idealização de controle se distingue em duas formas: a) a que envolve comunicação, proporcionando estrutura ao sujeito, auxiliando em seu desenvolvimento; e b) a que se relaciona a rigidez, desencoraja o desenvolvimento, designando o cumprimento de regras fixas (Souza; Baptista, 2017).

É interessante ainda apontar a Teoria do Apego como fator fundamental à relação parental. Isto posto, Gomes (2011) esclarece que a Teoria do Apego de John Bowlby se apoia na ideia de que os seres humanos apresentam uma tendência natural a construir vínculos afetivos que podem se tornar figuras insubstituíveis ao passar do tempo. Esse vínculo se torna uma forma de adaptação ao ambiente, podendo ser qualquer forma de comportamento que mantém uma proximidade com outro sujeito mais apto para lidar com o mundo.

Não somente, Souza e colaboradores (2020) discorre que o sistema de apego é caracterizado pela busca de proximidade para com o cuidador, uma base segura de apego e o protesto de separação. Dessa forma, essa busca de proximidade incentiva os cuidados do cuidador a ajudar a criança na regulação de processos homeostáticos, a base segura de apego dá suporte ao desenvolvimento de exploração do ambiente, e o protesto de separação ajuda a criança a restabelecer o contato com o cuidador quando este se perde.

A Teoria do apego também é atribuída a Mary Ainsworth, que ao lado de Bowlby, ressalta que o tipo de apego vai ser estabelecido a partir da responsividade do cuidador aos sinais que a criança emite, e assim, o apego se torna uma base para

a criança interagir com o ambiente. Se esse apego é seguro, a criança tende a desenvolver a socialização, mas se o cuidador é pouco responsivo, a criança acaba desenvolvendo medo de perder o contato estabelecido somente com esse cuidador, reduzindo as interações sociais (Souza et al., 2020).

Assim, as vinculações de apego podem ser estabelecidas por um apego seguro, apego inseguro evitante ou apego inseguro ambivalente. Desse jeito, o apego seguro remete ao cuidador principal enquanto uma base segura, a partir disso, o sujeito tem seguridade para explorar o ambiente ao passo em que retorna a esse cuidador para sentir-se mais protegido. Por sua vez, no apego inseguro evitante o sujeito não estabelece vínculo ao cuidador, não chora quando este não está presente e o evita quando este retorna. Logo, o sujeito se mostra desinteressado, não procurando o cuidador até nos momentos de auxílio. Já em relação ao apego inseguro ambivalente, o sujeito tende a ficar ansioso quando percebe que o cuidador pode deixar o ambiente, assim como apresenta comportamentos raivosos quando esse cuidador se faz ausente. Não obstante, com o retorno do cuidador, tende a buscar contato com este apesar de demonstrar uma certa resistência (Gomes, 2011).

Sob essa ótica, Bowlby (1990) enfatiza que o desempenho mais importante dos pais é fornecer uma base segura, respeitar e reconhecer a necessidade que os filhos têm por essa vinculação, uma vez que isso implica seu desejo de explorar e ampliar suas relações de forma gradual. Entretanto, filhos com padrão ambivalente tornam-se passivos e pouco exploradores, além de serem instáveis e demonstrarem insegurança à acessibilidade dos pais (Gomes, 2011).

Portanto, os comportamentos de apego permitem ao sujeito experienciar o mundo em condições mais seguras. No entanto, esses comportamentos podem ser terminados por algumas circunstâncias, como a visão da figura de apego, a escuta da sua voz ou a interação com ela, o que significa que o sujeito precisa de cuidadores amorosos para se transformarem em adultos emocionalmente saudáveis (Gomes, 2011).

À vista disso, o modo como as figuras parentais tratam os seus filhos tem uma grande influência na construção de sua personalidade. Desse modo, os filhos de pais autoritários têm como consequência a falta de autoconfiança, desde o que se refere a habilidades acadêmicas até as habilidades sociais (Ferreira, 2019). Nesta perspectiva, é válido apontar que a relação tóxica na parentalidade pode ser identificada a partir do estilo parental que é experienciado pelo subsistema filial, assim como a vinculação

afetiva a ser estabelecida pode influir em sua autonomia. Por isso, é fundamental conhecer os impactos emocionais que tal relação implica na individualidade do sujeito, assim como em seus relacionamentos sociais.

2.3. A Adolescência e o desenvolvimento de *self*

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que submete o indivíduo a um crescimento físico, cognitivo e social, a partir disso, uma das competências que mais se evidencia é a autonomia. Enquanto uma construção social, o adolecer demanda de períodos mais longos de educação para que esse indivíduo possa adotar responsabilidades relacionadas à vida adulta (Papalia; Feldman, 2013).

Para isso, fatores como o estilo de parentalidade dos pais e qualidade do ambiente doméstico influenciam no desenvolvimento do adolescente, assim como as influências da escola, da família e da cultura estão sob este desenvolver. Ademais, a busca da identidade também entra em foco nesse período, fazendo parte de um processo saudável e vital, servindo como uma base para lidar com os desafios da vida adulta (Papalia; Feldman, 2013).

Otto e Ribeiro (2020) evidenciam a teoria familiar sistêmica de Murray Bowen como uma contribuição para o trabalho com famílias, ressaltando conceitos que implicam no desenvolvimento de *self* do indivíduo. Sendo assim, a visão boweniana enfatiza o ser humano como um produto da história evolutiva da espécie, considerando três sistemas de funcionamento que se relacionam entre si: o emocional, o afetivo e o cognitivo.

Esses sistemas influenciam nas relações sociais, no autocontrole e no sistema emocional. Ainda, o grau de utilização desses três varia de pessoa para pessoa, influenciando no agenciamento de vida do indivíduo e no grau de fusão entre esse sujeito e as pessoas ao seu redor, o que aumenta a vulnerabilidade emocional e social, a qual irá refletir na capacidade de manter um controle sobre a própria vida (Otto; Ribeiro, 2020).

Portanto, as trocas entre os sistemas regulam o comportamento humano, estando intimamente ligados aos ajustes que o indivíduo faz em seu sistema relacional. Nesta perspectiva, a família é o sistema em que as pessoas possuem mais vinculação afetiva, assim, sujeitos que tem a necessidade de pertencimento mais

requisitada pelo sistema relacional tendem a buscar aprovação de outros membros, prejudicando seus processos de tomada de decisão (Otto; Ribeiro, 2020).

Enquanto isso, Erik Erikson (1972) destaca que a construção da identidade resulta em definir quem a pessoa é, quais direções deseja seguir na vida e quais são seus valores. Não somente, a identidade está como um juízo de si mesmo que vai se compor a partir das crenças e metas que o sujeito está envolvido.

Deste modo, grande parte dos princípios que adquirem são próximos aos princípios de seus pais, uma vez que a relação parental é vista pelos adolescentes como um apoio seguro para experimentar sua liberdade. Assim, “os adolescentes mais seguros têm relações fortes e sustentáveis com pais que permanecem em sintonia com a maneira pela qual os jovens vêem a si mesmos, que permitem e encorajam seus esforços para adquirir independência” (Papalia; Feldman, 2013, p. 435).

Para Erikson, é com a construção da identidade que o adolescente busca participar de grupos sociais que se igualem aos seus princípios. Através dessa identidade, o sujeito pode ter a sensação de conquista e organização, a qual lhe prepara para o futuro com uma segurança semelhante à de um adulto (Oliveira; Valente; Junior, 2018).

A partir daí, a família tem dois objetivos importantes: um sentimento de pertencimento a um grupo, ao passo em que deve promover ao mesmo tempo, a individuação de seus membros (Fiorini, 2017). Com isso, retornando a Bowen, o mesmo destaca a importância da diferenciação de *self*. Tal conceito trata-se da individuação do sujeito sem que este deixe de pertencer ao sistema familiar, assim, o grau de diferenciação da pessoa está diretamente ligado a família de origem, essencialmente ao subsistema filial e parental (Otto; Ribeiro, 2020).

Dessa maneira, um nível de diferenciação alto retrata uma facilidade em lidar com as circunstâncias da vida, na qual as pressões familiares têm menos interferência, permitindo que o sujeito consiga resolver seus conflitos de forma adequada. Já um nível de diferenciação baixo, retrata as emoções e os sentimentos sobre os processos racionais, de forma que o sujeito tende a estar mais fusionado a outros membros da família, ou seja, desenvolvendo sua identidade apoiada no que é solicitado por suas relações pessoais (Otto; Ribeiro, 2020).

Além do mais, é fundamental considerar que a diferenciação de *self* ocorre ao longo de todo o desenvolvimento humano, uma vez que, o sujeito é um ser dinâmico,

esse processo é também contínuo e mutável, sendo capaz de equilibrar o funcionamento emocional, intelectual e a autonomia nas relações (Fiorini, 2017). Cabe ainda salientar que “a resolução ideal dessa fase exige a habilidade dos pais de separarem as suas próprias expectativas e conflitos referentes à realização, das expectativas e conflitos dos filhos” (Fiorini, 2017, p. 49).

Posto isso, quanto mais o sentimento de identidade está desenvolvido, mais o adolescente tende a reconhecer suas habilidades e limitações, considerando a forma em que é semelhante ou diferente dos demais (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silvaes, 2003). Em suma, tensões na relação pais e filhos associado ao estilo parental podem contribuir para um conflito familiar, do mesmo jeito, a individuação enquanto uma luta do adolescente por autonomia e diferenciação também pode acarretar nesse conflito (Papalia; Feldman, 2013). Sendo assim, fica evidente que a partir de uma construção saudável da identidade, do relacionamento entre pais e filhos, e de um funcionamento familiar nítido, o adolescente tem condições de lidar com um agenciamento de vida de maneira adequada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi-se realizado uma revisão bibliográfica a partir de quatorze artigos científicos e dois livros correspondentes ao período de doze anos os quais discorrem sobre a temática, afim de analisar a relação parental, a vinculação de apego e o desenvolvimento de *self* dos adolescentes na relação tóxica.

A partir disso, a coleta desses dados tem caráter qualitativo e descritivo relacionado ao tema apresentado, os materiais utilizados foram pesquisados na base de dados da Revista Nova Perspectiva Sistêmica, do Repositório Institucional do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do Centro Universitário da Serra Gaúcha, do Repositório da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), do Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, da Scielo e da Pepsic.

Por conseguinte, dentre os 14 artigos utilizados na revisão de literatura, 9 serão analisados, sendo 3 referentes a relação tóxica na família, 4 referentes aos estilos parentais e a vinculação de apego, e 2 referentes a adolescência e desenvolvimento de *self*.

Assim, a relação tóxica, também conhecida como relacionamento abusivo, se trata de uma relação na qual o assediador humilha, manipula e controla a vítima, a fazendo culpar-se pelo ocorrido, tendo como alguns dos fatores identificados a essa prática, a parentalidade e o estresse parental (Vieira et al., 2019). Dessa forma, torna-se fundamental considerar que a toxicidade na relação cuidador e filho acaba interferindo na construção identitária do adolescente, assim como, afeta o seu agenciamento de vida.

Do mesmo modo, Zibenberg e Costa (2023) evidenciam que se faz de um relacionamento baseado numa relação que gera prejuízos para o sujeito através da existência de um vínculo com o outro. O impacto dessa situação pode trazer prejuízos não só emocionais mas também cognitivos, os quais podem se prolongar na adultez, acarretando malefícios para o meio social (Vieira et al., 2019).

Portanto, pode-se afirmar que o relacionamento em questão possui caráter negativo para o adolescente uma vez que resulta em déficits em seu desenvolvimento social, em seus sentimentos, suas ideias e sua capacidade de julgamento, ou seja, naquilo que envolve a sua autonomia.

Além disso, as regras que definem o padrão de relacionamento existente na parentalidade também contribui para que este seja tóxico. Nesta perspectiva, a fronteira rígida interfere no funcionamento saudável entre os membros familiares, pois possui limites excessivos e comunicação difícil nos subsistemas (Böing, 2014). Logo, a maneira como cuidador e filho se relacionam se torna um fator essencial para que haja uma dinâmica familiar favorável ao desenvolvimento do sujeito.

A partir daí, Nayara (2020) aponta o estilo parental enquanto um agrupamento de atitudes e técnicas adotadas por um contexto emocional, as quais indicam o modo como os pais educam seus filhos. Ou seja, através desse estilo identifica-se o poder, a hierarquia e o apoio emocional estabelecido na educação dos filhos, e conseqüentemente, determina se a relação parental pode ser tóxica.

Como já supracitado, há três tipos de estilos parentais: o permissivo, o democrático e o autoritário. Ferreira (2019) salienta o estilo autoritário enquanto aquele que controla e avalia o comportamento dos filhos, restringe a autonomia e pune para lidar com conflitos que pensam estarem certos. Não somente, esses filhos tendem a ser mais inseguros, dependentes e agressivos.

Posto isso, é indubitável que este estilo torna o relacionamento parental abusivo, uma vez que a hierarquia firmada corresponde a opressão e reverbera em

malefícios já destacados anteriormente. Assim, constata-se que certamente o estilo parental autoritário é rígido e desencoraja a construção da identidade do sujeito.

Outro fator importante à relação parental apontado nesta pesquisa refere-se à Teoria do Apego de John Bowlby. Esta se caracteriza por um sistema de apego que busca a proximidade para com o cuidador, uma base segura e o protesto de separação (Souza et al., 2020). Com isso, tais características asseguram um crescimento saudável ao sujeito, o que significa estabelecer um agenciamento de vida adequado devido a regulação emocional e exploração do ambiente que foram proporcionados por um vínculo afetivo com os cuidadores.

Dessa maneira, Bowlby (1990) enfatiza que o desempenho mais importante dos pais consiste em fornecer uma base segura, respeitar e reconhecer a necessidade que os filhos têm por essa vinculação, uma vez que isso implica seu desejo de explorar e ampliar suas relações de forma gradual (Gomes, 2011).

Ressalta-se ainda que há também três tipos de apego os quais podem ser constituídos a partir da responsividade do cuidador, sendo: apego seguro, apego inseguro evitante ou apego inseguro ambivalente. Com o primeiro, o sujeito tem segurança ao interagir com o ambiente e sente-se protegido pelo cuidador, com o segundo o sujeito se mostra desinteressado e não busca pelo cuidador, e com o terceiro tende a ficar ansioso, raivoso e resistente ao contato com o cuidador (Gomes, 2011).

Neste sentido, assim como o estilo autoritário, o apego inseguro evitante ou ambivalente não permite que a relação parental propicie um desenvolver seguro ao filho, desconsiderando a individualidade do sujeito. Para além disso, se enquadram como características significativas ao relacionamento tóxico.

Ademais, a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que submete o indivíduo a um crescimento físico, cognitivo e social, assim como, a busca da identidade também entra em foco nesse período, fazendo parte de um processo saudável e vital, servindo como uma base para lidar com os desafios da vida adulta (Papalia; Feldman, 2013).

Logo, se trata de um período fundamental para o desenvolvimento do sujeito, uma vez que indica quais direções este deseja seguir na vida e quais são os seus valores a partir das crenças e do ambiente em que está inserido, por isso fatores como o estilo de parentalidade e a vinculação afetiva estabelecida são tão importantes.

Dessa forma, a teoria familiar sistêmica de Murray Bowen enfatiza conceitos que implicam no desenvolvimento de *self* do indivíduo a partir dos sistemas emocional, afetivo e cognitivo, os quais influem em seu agenciamento de vida através do grau de agregação às pessoas ao seu redor (Otto; Ribeiro, 2020).

Sob essa ótica, a família é o sistema em que as pessoas possuem mais vinculação afetiva, assim, sujeitos que tem a necessidade de pertencimento mais requisitada pelo sistema relacional tendem a buscar aprovação de outros membros, prejudicando seus processos de tomada de decisão (Otto; Ribeiro, 2020).

Isto é, diante das relações sociais e emocionais constituídas pelo adolescente que se reflete a sua autonomia ou a sua vulnerabilidade, ficando claro que por meio de sua construção identitária este tem um preparo saudável e seguro para o futuro, aspectos os quais não podem ser garantidos em uma relação familiar tóxica.

Consequentemente, destaca-se a importância da diferenciação de *self*, uma vez que tal conceito corresponde a individuação do sujeito sem que este deixe de pertencer ao sistema familiar. Um nível de diferenciação baixo retrata um sujeito mais fusionado a outros membros da família, ou seja, sua identidade é desenvolvida apoiada no que é solicitado por suas relações pessoais (Otto; Ribeiro, 2020). Portanto, a individuação proporciona ao adolescente um manejo para lidar com as responsabilidades da adultez, de forma que consiga resolver seus conflitos de forma pertinente sem a interferência do sistema familiar.

Em suma, tensões na relação cuidadores e filhos associado ao estilo parental podem contribuir para um conflito familiar, do mesmo jeito, a individuação enquanto uma luta do adolescente por autonomia e diferenciação também pode acarretar nesse conflito (Papalia; Feldman, 2013). Em outros termos, cabe evidenciar que a relação tóxica contribui com muitos danos e desvantagens para o desenvolvimento do adolecer atrelado a construção de sua identidade.

Sendo assim, diante o exposto, é possível afirmar que a relação tóxica na família pode ocorrer devido a parentalidade, tendo em vista os impactos que são acarretados no desenvolvimento dos filhos. Desse modo, tal relação pode ser identificada a partir do estilo parental que é experienciado pelo subsistema filial, assim como a vinculação afetiva a ser estabelecida pode influir em sua autonomia. Por isso, fica evidente que através do desenvolvimento de *self* e do relacionamento entre cuidadores e filhos, o adolescente adquire habilidades emocionais e cognitivas para lidar com um agenciamento de vida de maneira adequada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado, ressalta-se a dificuldade para construção deste estudo em decorrência da pequena quantidade de material atual referente a temática, uma vez que sua grande parte enfatiza o relacionamento abusivo apenas nas relações conjugais. Não somente, é fundamental apontar que a família enquanto um sistema, representando um conjunto de pessoas as quais são singulares, requer das pesquisas um maior aprofundamento sobre as relações construídas entre seus membros.

Desse modo, a relação tóxica entre cuidadores e filhos resulta em prejuízos emocionais e cognitivos, afetando significativamente o desenvolvimento social, os sentimentos, a capacidade de julgamento e o agenciamento de vida do indivíduo a depender do estilo parental que é assumido e da vinculação de apego firmada. Assim, esta pesquisa oferece maior entendimento sobre o tema relacionamento tóxico, essencialmente por ser voltada a parentalidade, além do mais, tem como finalidade explicitar os impactos do estilo parental e da vinculação de apego adotados na construção de identidade do adolescente. Posto isso, destaca-se a importância das relações saudáveis no sistema familiar enquanto provedor de crescimento dos seus membros, realçando o quão expressivo este é para favorecer um bem-estar emocional e psicossocial nestas relações.

Da mesma forma, atenta-se que o ideal para um bom desenvolvimento de *self* significa estabelecer fronteiras nítidas entre os subsistemas da família, assim como, adotar o estilo parental democrático e promover um apego seguro aos filhos. Além disso, é essencial apontar que a propagação da temática através da psicoeducação em escolas, bem como a aplicação de grupos operativos, podem proporcionar uma melhoria no ambiente familiar do adolescente em relações parentais tóxicas a partir dos achados desta pesquisa.

Portanto, para além de um funcionamento familiar adequado, visa-se a autonomia, a disciplina, normas para conduta, a seguridade para experienciar os ambientes e ampliar as relações enquanto fatores que enfatizam a individualidade do sujeito, visto que a família se torna o primeiro alicerce diante dos enfrentamentos da vida.

REFERÊNCIAS

BÖING, Elisângela. **Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional**. 2014. 302 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BOWLBY, John, 1907-1990. Formação e rompimento dos laços afetivos/John Bowlby; tradução Álvaro Cabral; revisão da tradução Luis Lorenzo Rivera. – 5. ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015. – (Psicologia e pedagogia).

BRIDI, Bruna Hertzog; FERLITO, Bianca; PEREIRA, Eloisa Leonardi; LUCIETTO, Tamires Alana. CONSEQUÊNCIAS DAS FRONTEIRAS DIFUSAS ENTRE OS SUBSISTEMAS PARENTAL E FILIAL. **Congresso de Direitos Humanos do Centro Universitário da Serra Gaúcha**, Caxias do Sul, v. 2, n. 1, p. 01-03, jun. 2018.

ERIKSON, E. H. (1972). Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar.

FERREIRA, Diana Isabel Tereso. **Influência do Estilo Parental nos Níveis de Ansiedade Social e Autoestima em Adolescentes**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/7382>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FIORINI, Milena Carolina. **Percepção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GALLONETTI, Felipe Augusto. **Reflexões sobre os desafios da individualidade e da conjugalidade no casamento contemporâneo**. 2021. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2021.

GOMES, Adriana de Albuquerque. A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea. 2011. 285 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97442>>.

NAYARA. **Estilos parentais – o que é e qual o impacto no desenvolvimento emocional da criança?** 2020. Publicado por Evoluir: Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<https://evoluirdesenvolvimento.com.br/estilos-parentais-o-que-e-e-qual-o-impacto-no-desenvolvimento-emocional-da-crianca/>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

OLIVEIRA, Ademar Dias de; VALENTE, Francine Moraes de França; CAVALCANTI JUNIOR, Luiz Nazareno. ADOLESCÊNCIA EM FOCO: CONTRIBUIÇÕES DE ERIKSON, VYGOTSKY E WALLON1. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Psicologia**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 31-45, fev. 2018.

OTTO, Ana Flávia Nascimento; RIBEIRO, Maria Alexina. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 01-17, jun. 2020.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.].

SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole; VAZ, Paulo. A INVENÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO: SOFRIMENTO E SENTIDO NAS RELAÇÕES AMOROSAS ONTEM E HOJE. **Líbero**, São Paulo, n. 44, p. 122-135, dez. 2019.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 107-115, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2003000100012>.

SOUZA, A. J. M. de; FREIRE, A. I.; SOUZA, F. B. M. de; ARAUJO, E. G. D. Revisitando a hipótese de Bowlby: teoria do apego, maturação neuroendócrina e predisposição para psicopatologias. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e3579119895, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9895. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9895>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOUZA, Mayra Silva de; BAPTISTA, Makilim Nunes. Associações entre suporte familiar e saúde mental. **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 54, p. 207-215, 2017.

VIEIRA, K. G.; SCHLÖSSER, A.; DE MARCO, T. T.; D'AGOSTINI, F. P. **Relações abusivas no contexto familiar**. *Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc Videira*, v. 04, p. 01-15, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/20651>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ZIBENBERG, Daniela; COSTA, Letícia Bandeira de Mello da Fonseca. O QUE É ABUSIVO: uma revisão sobre relacionamentos abusivos. **Psicologia e Cultura: Abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea**, Volume 1, [S.L.], p. 29-45, 26 jun. 2023. Editora e-Publicar. <http://dx.doi.org/10.47402/ed.ep.c2311283289>.